COLEÇÃO DE MODA: a memória agenciada pela aparência

Rochelle Cristina dos Santos (Mestranda/ PPGH / UDESC)
Mara Rúbia Sant'Anna Muller (Doutora / UDESC)

Resumo

A coleção de moda inspirada em Nara Leão, pelo estilista Ronaldo Fraga, de 2007, é objeto de investigação histórica de uma pesquisa maior, cujo objetivo geral ocupa-se de entendê-la como um "lugar de memória" (NORA, 1993). Nesta comunicação discute-se, através de referencial teórico e fontes midiáticas, as possibilidades que algumas coleções de moda possuem para agenciar uma memória coletiva.

Palavras-chave: História, Memória e Aparência

Résumé

La collection de mode inspirée en Nara Leão, chez Ronaldo Fraga à 2007 est l'objet d'une investigation historique dans une recherche em traind de faire. L'objectif general est analyser comme une collection de mode peut devenir un lieu de mémoire (Nora, 1993). Sourtout, dans cette communication on parlera sur les possibilités que quelqu'unes collection de mode ont pour négocier la mémoire collective.

Mots-clés: histoire, mémoire et l'apparence.

Novas possibilidades para a moda

A coleção Nara Leão será tratada como um discurso que contribui para a construção da memória sobre uma personalidade da cultura popular brasileira. Este discurso sobre um fato passado, ao ser transformado em produto de moda, utilizando-se de toda a divulgação em torno do tema, permite a difusão desta memória, e novas possibilidades de leitura em relação a esta cultura, agenciando a recepção desta memória que se constrói a fim de contribuir com o reconhecimento e sentimento de pertença do sujeito em relação ao passado. O foco da narrativa estará nas apropriações que o estilista serviu-se para compor sua obra e retratar o seu tema, propondo assim, um novo reconhecimento sobre algo já visto, e a continuidade deste fato na sociedade.

O objeto é analisado a partir de suas representações, o que já constitui uma especificidade metodológica, como as imagens do desfile lançamento reproduzidas pelos canais institucionais da marca Ronaldo Fraga e também por

outros canais, particulares e públicos, que se manifestaram, a tempo ou a posteriori, sobre a coleção e seus impactos e possibilidades interpretativas. As fontes se completam, ofertando-se a análise, na efemeridade e sutileza de suas formas de editoriais de revistas especializadas a blog's de críticos e amantes da marca, de catálogos publicitários ao universo de trânsito dos modelos em corpos autorizados.

Metodologicamente, portanto, se constrói uma via de análise que contempla o estudo da interconicidade (HASKELL, 1995), a não confusão entre referente e significante (BARTHES, 1997), da capacidade de reverberação e constituição de discursos pelas imagens, suas legendas, seus suportes (JOLY, 1996, DELPORTE, 2003) e capacidade de desencadear a recepção (JAUSS, 1979).

Um discurso da memória

A nova corrente de estudos históricos denominada História do Tempo Presente, propõe pesquisas que condicionam as ações dos sujeitos históricos às possibilidades de realização num mundo midiático, descolado das experiências diretas de produção da vida e significado por um espectro bastante amplo de interações tempo e espaço inusitadas.

O Regime de Historicidade apontado por François Hartog (2006) trata da relação que a sociedade mantém com o seu passado e as formas que esta sociedade se apropria deste passado para constituir o seu presente. Desta forma, pode-se pensar que o presente não reconhece o passado com algo posto e acabado, pois os questionamentos do presente, produzem novas interpretações do passado. A História do Tempo Presente permite a investigação em um passado mais recente, cujas fontes são embrionárias e muitas vezes não formalizadas. É neste campo que a memória passa a se destacar no fazer histórico. As lembranças que provocam a memória são o início da produção de um saber sobre o passado.

O que sabemos sobre a veracidade das lembranças que se transformam em memória? Qual a diferença entre lembrar e memorizar? A lembrança é involuntária, fragmentos surgem e muitas vezes são compostos de

acordo com aqueles que os lembram, sendo que um mesmo fato vivenciado por diversas pessoas pode ser lembrado por cada uma delas de forma diferente. Memorizar já remete a preservar um saber de algo definido, logo a memória deve ser definida, deve ser produzida, e toda produção é feita a partir de seleções. Quem produz a memória valida-se de referências, seleciona o que deve ser memorizado sobre determinados assuntos. Esta calcificação de temas, memorizados por uma sociedade, podem se tornar objetos da história.

Para Paul Ricoeur (2007) a imaginação e a memória possuem semelhanças e diferenças: ambas tratam da presença de um ausente, porém, enquanto a memória se posiciona em relação a um real anterior, a imaginação trata de um irreal. Apesar das diferenças, memória e imaginação caminham em uma mesma direção. As falhas da lembrança que constituem a memória, ou mesmo a inconstância do lembrar que depende de quem recorda, buscam a imaginação para preencher lacunas. Assim sendo, estas memórias devem ser analisadas de acordo com quem as produziu, qual a metodologia utilizada para sua composição, e quais os interesses que esta memória carrega.

A narrativa de uma memória nunca será registro, ela será sempre reformulação. A memória depende de vida para transitar, e os sujeitos resignificam os fatos a partir do seu presente. Não podemos afirmar que a memória será sempre individual, ela carrega em suas manifestações ações do presente e da sociedade em que se vive (POLLAK, 1989). A formalização da memória sempre será dada através de um discurso, ela vai transitar a partir de uma narrativa ou representação. Para Sarlo (2007), o sujeito que narra é 1º pessoa do discurso, de um fato ao qual ele está ausente. Suas lembranças nunca serão o vivido, não é possível narrar a experiência tal qual ela ocorreu. As falhas da lembrança prejudicam a rememoração, as seleções conscientes ou inconscientes provocam uma nova leitura dos fatos, desta forma, a memória torna-se um ícone da verdade. O que se tem através da memória, são representações identificadas por analogia e não por igualdade. Se a memória é um ícone da verdade, cada sujeito poderá representar uma verdade utilizando representações distintas. O que permite a permanência ou a exclusão de uma memória são os atos de memória (SARLO, 2007), os suportes que esta memória recebe para manter-se viva nas sociedades em detrimento de outras. Neste jogo, permanece aquela que tem mais força para manter sua

continuidade. Para Pollak (1989) a memória vive em disputa com outras memórias, e os próprios interesses de suas manifestações dependem do presente em que se colocam.

No campo dos estudos sobre a memória, Pierre Nora (1993, p. 2) define como “lugar de memória: toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, da qual a vontade dos homens ou o trabalho do tempo fez um elemento simbólico do patrimônio da memória de uma comunidade qualquer.” Para o autor, existem estes “lugares” que cristalizam a memória, pois não existem mais meios de memória espontânea, as memórias necessitam ser agenciadas para se manterem vivas. Pode-se refletir ainda, que os lugares de memória proporcionam uma versão de memória verdadeira, pois, se existe uma memória calcificada e constituída em um espaço, existe uma representação de verdade que poderá ser vivenciada por sujeitos e sociedades diversas neste lugar. O lugar de memória pode ser um produto cultural formulado pela própria historização da memória (RICOEUR; NORA; 2007). Mas, como já vimos, o presente é o responsável pelas inquietações do seu tempo. É o presente que questiona o passado e o reformula, assim como o presente resignifica as memórias. Os lugares de memória mesmo que cristalizados com conceitos próprios sobre determinados temas, permitirão aos sujeitos interpretações plurais de acordo com as questões do presente (BENJAMIN, 1987).

A experiência e o presente estão em evidência nas questões tratadas até agora sobre a memória. Fala-se do sujeito que seleciona e produz, dos lugares que se cristalizam, das intervenções do presente nas reformulações da memória, mas, não se pode esquecer de tratar a memória do não vivido. A pós-memória (SARLO, 2007) trata das lembranças que se tem daquilo que não foi presenciado nem foi vivido, ou seja, não fez parte da experiência concreta de uma pessoa, mas de uma experiência transmitida. Todos tem, de uma certa maneira, uma pós-memória familiar, como o caso dos parentes conhecidos apenas a partir de relatos familiares ou uma pós-memória política que a escola, com seu ensino de história, constitui na composição de uma memória nacional. Trata-se da questão da representação, neste caso, a representação da representação. Afinal, a memória sendo seleção, e sua permanência dependendo da eficácia dos atos e lugares de memória, a pós-memória é a

apropriação destas permanências transformada em uma outra memória que, por sua vez, foi agenciada como ícone da verdade.

A problematização destas questões em torno da memória oferecem ferramentas epistemológicas para pensar como os “fatos” são reformulados e capazes de constituírem novas abordagens históricas. A memória não é história, a sua permanência em determinado contexto pode transformá-la em objeto e discurso da história. Não é o caso de afirmar que as memórias que permanecem estão próximas da verdade dos fatos ocorridos, todavia, o fato das suas constituições e de sua permanência no tempo, validam sua importância para o saber histórico.

Uma coleção que faz recordar

Uma coleção é o agrupamento de elementos, que correspondem a um mesmo tema, e que muitas vezes só possuem sentido para o colecionador e sua funcionalidade é indefinida. Sua permanência no tempo pode estar relacionada ao seu valor sentimental ou monetário, e dependendo da forma como é organizada, proporciona uma fruição estética. A coleção de moda possui semelhanças com esta definição de coleção de Pomian (1984). O estilista determina o tema, agrupa elementos que poderão representá-lo, e seu intuito maior é de proporcionar fruição estética para efetivação da compra da mercadoria. Sua permanência como produto pode ser efêmera, mas a permanência de seu conceito pode perdurar no tempo (SANT'ANNA, 2007).

A coleção de moda “Nara Leão” é analisada, nesta pesquisa, como uma produção que teve início a partir da memória de Fraga sobre a cantora título e, tomando o conceito de Nora (1993), tornou-se um lugar de memória para uma sociedade, permitindo a constituição da pós-memória sobre uma época, uma personalidade e mesmo um Brasil.

Ressalva-se que nem todas as coleções de moda são lugares de memória. Pode-se compreender as roupas desta coleção como “lugar de memória” a partir dos três efeitos de sentido que a palavra lugar possui: material, simbólico e funcional (NORA, 1993). As peças em si representam a propriedade material de lugar, são ao mesmo tempo referente e significante e

como índice, remetem a um tempo e narrativa que ultrapassam sua existência. As representações que o estilista utiliza para caracterizar suas referências são simbólicas, pois, ele se utiliza de cores, cortes, tecidos, para expressar aquilo que sente sobre Nara leão. A funcionalidade está não somente no papel da roupa como vestimenta, mas também na sua função de propagar a memória do estilista e possibilitar novas memórias daquilo representado.

A frase que Ronaldo Fraga pronunciou no momento do desfile da coleção: "Não estou aqui para vender roupa, mas, para usar a moda para trazer as pessoas para o meu universo" (apud MARRA) oferece uma possibilidade de interpretação dos objetivos e reverberação da intenção de seu criador. O estilista trata a coleção como um produto externo, recriado a partir de seu universo, ou seja, de suas memórias e propõem isto como uma possibilidade aos usufruidores daqueles produtos, imagens e sentidos, de experienciar outro momento, universo e mesmo sociedade para ainda mais sentir-se conectado ao presente e ao seu tempo. Fraga, oferece mais que um produto dentre outros que servem para vestir.

Há ainda de se considerar o momento apropriado para a constituição deste lugar de memória. O desfile da coleção aconteceu quando se comemorava os 50 anos da Bossa Nova, no Brasil. Para enriquecer a recepção da coleção, Ronaldo Fraga dispôs um palco na passarela, onde a cantora Fernanda Takai interpretou músicas do repertório consagrado de Nara Leão. Em entrevista (MARRA), Ronaldo Fraga afirma que o processo criativo da coleção iniciou-se ao saber que Fernanda Takai estava gravando um CD em homenagem à intérprete da Bossa Nova.

Estas ações não são aleatórias, mas sincronizadas, mesmo que inconscientes (MONNERAT, 2003). Os 50 anos da Bossa Nova, a gravação do CD em homenagem à cantora-tema, as diversas referências ao período estão em pauta e as apropriações das mesmas criam ícones memoriais de propriedades diversas que fortalecem uma memória maior que, neste caso, seria a memória de brasilidade reconhecida e representada, internacionalmente, através da Bossa Nova (ORTIZ, 1985). A emergência desta temática, aflora nos sujeitos memórias e pós-memórias, próprias e coletivas, agenciadas por diferentes fontes e apropriadas de diferentes formas.

A matéria intitulada “Ronaldo Fraga homenageia Nara Leão em desfile emocionado” (VASONE), já carrega em seu título a manifestação de um sentimento saudosista próprio da lembrança. A compreensão do texto inicia-se na carga das ideias apresentadas em seu título. Pessoas que não acompanharam a execução do desfile poderão sentir, através dos relatos de experiência daqueles que lá estiveram, a emoção da representação desta memória. Os ícones da verdade são representados por elementos que muitas vezes necessitam de suportes. A visualização das roupas, as narrativas e as entrevistas dão suporte para a leitura apropriada das referências que o estilista tomou para representar a Nara Leão de sua memória. Como por exemplo a estampa de favela que ocupa toda a extensão têxtil de um vestido, tanto indica o local de onde vieram vários artistas que Nara interpretou, como representa o reconhecimento da favela como um lugar da identidade nacional, no presente.

Na interpretação dos difusores do discurso proposto por Fraga a mensagem tomou ainda mais consistência e novos sentidos. Na voz de Diegues: “a coleção é simples e se faz diferente pela elegância e sofisticação tal qual a voz limpa e serena de Nara Leão” (DIEGUES, apud TÁVOLA), uma analogia particular e, muitas vezes, só percebida através dos suportes que norteiam a propagação da coleção. Estes suportes possibilitam a criação de novas memórias, definindo seus contornos e conteúdos. Muitos daqueles que presenciaram o desfile ou que tiveram (e tem acesso) as informações sobre ele, estão sendo influenciados na composição de suas lembranças, ratificando a ideia de que o presente resignifica a memória. Outros ainda sequer possuíam uma noção de quem foi Nara Leão ou mesmo não compreendem (julgam aleatória) a ligação entre o desfile e a comemoração dos 50 anos da Bossa Nova, porém compõem e somam ao seu universo particular de sentidos esta noção de mulher moderna, de bossa nova e, ainda, de identidade brasileira.

Entende-se que a moda é um condutor de fruição estética. Por maiores que sejam os objetivos do estilista, perpassando as dinâmicas do capitalismo, por mais possibilidades que a moda ofereça para pensar as relações sociais e constituir um saber histórico, ela ainda está pautada na recepção estética. Os conceitos de Jauss (1979) relacionados a poieses, aisthesis e katharsis tornam-se pertinentes às análises desta coleção. A poieses está relacionada a ação do criador. Ela representa o prazer do criador ao conduzir sua obra.

Percebemos isto através das diversas entrevistas do estilista e do próprio release da coleção escrito em forma de carta destinada a Nara Leão (CONVERSINHA). Ronaldo Fraga deixa claro em diversos momentos que o prazer de criar está em dividir suas experiências. A aisthesis está relacionada a recepção estética. A consciência desta recepção, das informações ali contidas. Na coleção, a consciência é suplementada pelos suportes das narrativas que conduzem a compreensão desta coleção, descrevendo não só as peças, mas também as intenções do estilista. A katharsis relaciona as consciências produtora e receptora. É onde ocorre a interação entre o prazer e as intenções do autor ao produzir sua obra e a forma como esta recepção será percebida pelos sujeitos. Ronaldo Fraga nitidamente expôs suas memórias particulares, trazendo temas sobre uma figura pública, porém dividindo suas experiências mais íntimas relacionas ao tema. A emoção que tomou conta do desfile, levando às lágrimas o autor e a platéia, comprova a eficácia da coleção como um lugar de memória, pois capaz de provocar sentimentos, mesmo naqueles que sequer conheciam a biografia de Nara Leão. Os sentimentos emergem não pelo design das roupas, ou pelo tema em si, as emoções são estabelecidas, propriamente, pelas relações de representação entre os sujeitos e suas sensações particulares.

Assim como Ronaldo falou de Nara Leão, ele poderia ter falado de outras personalidades. O que conta, na análise que aqui se propôs foi este exercício de reflexão que lança às coleções de moda, mesmo em sua efemeridade e fins comerciais, ao universo do histórico e político. Afinal, o importante é experimentar a ideia de que, ao retomar um passado como referência para constituição do presente, você possibilita uma nova relação das experiências deste passado com suas projeções de futuro.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. São Paulo: Cultrix, 1997.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: ____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. p. 222-234.

CABRAL, Sergio. Nara Leão: uma biografia.

CASTILHO, Khatia. Moda e linguagem. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

CONVERSINHA: Ronaldo Fraga fala de Nara Leão, musa inspiradora de sua nova coleção. Disponível em: <http://www.erikapalomino.com.br/erika2006/fashion.php? m=3871>. Acesso em: 15 ago 2009.

CRANE, Diane. A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Senac, 2006.

DELPORTE, Christian; DUPRAT, Annie. L'événement: images, représentation, mémoire. Paris: Seuil, 2003.

ENDERS, Armelle. Lês Lieux de Mémoire, dez anos depois. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.6, n.11, 1993, p.128-137.

GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula de. Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

HASKELL, Francis. L'historien et les images. Paris: Gallimard, 1995.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. Varia Historia, Belo Horizonte, v22, n. 36, jul-dez.2006, p. 261-273.

JAUSS, Hans. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e kátharsis. In: LIMA, Luiz Costa (Coord.). A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas: Papirus, 1996.

MARRA, Heloisa. http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL54016-7084,00.html Acesso em 17 de março de 2010.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In. SILVIA, Zélia Lopes da (org.). Arquivos, Patrimônio e Memória: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999, p. 11-29.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História, vol. 23, nº 45, 2003.

MESQUISTA, Cristiane. Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

MONNERAT, Rosane Mauro. A publicidade pelo avesso. Rio de Janeiro: EDUFF, 2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, 1993, n. 10, dez. p. 7-28.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 3-15.

RICOUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas (SP): Editora Unicamp, 2007

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo. São Paulo: Estação das Letras, 2007.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

TÁVOLA, Artur. Seja Nara!!! Desfile memorável de Ronaldo Fraga. Disponível em: <http://forademoda.net/blog/?p=139>. Acesso em: 5 mai 2009.

VASONE, Carolina.
http://estilo.uol.com.br/moda/spfw/ultnot/2007/06/17/ult3902u422.jhtm acesso em 10/03/2010